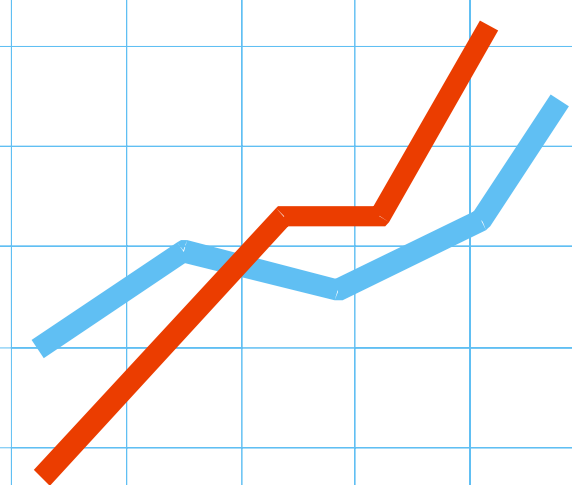


MOI MENTO



IMPRESSO

Publicação da Universidade Federal Fluminense - nº 146 - novembro/dezembro de 2003



Graduação



Pesquisa



Extensão



Pós-Graduação

Pdi Plano de Desenvolvimento Institucional

CONSTRUINDO UMA NOVA UNIVERSIDADE

Planejamento



Recursos



Humanos



Gestão



Editorial

Os recursos destinados às universidades públicas permanecem congelados já há alguns anos, o que, em face da crescente demanda, acaba representando um achatamento real no investimento em ensino público e gratuito. Além disso, o número de aposentadorias de docentes e técnico-administrativos cresce a cada ano, enquanto a abertura de concursos públicos vem ocorrendo muito lentamente. Após um longo jejum sem novas vagas para as Ifes, no ano passado foi possível contratar alguns docentes. Somente neste ano foi autorizada a abertura de vagas para contratação de técnicos. Urge, portanto, a reposição e renovação dos nossos quadros de professores e técnicos.

A despeito dessa situação incômoda e pouco alentadora, a universidade pública e a UFF, em particular, vêm crescendo e consolidando significativamente sua área de atuação, ministrando ensino de qualidade e desenvolvendo pesquisa e extensão reconhecidas nacionalmente. Nossos 53 cursos de graduação, em sua maioria, são considerados de excelência e envolvem hoje cerca de 27 mil alunos. A UFF já é a terceira do país em número de alunos e tem sua qualidade reconhecida pela sociedade, conforme atesta o grande número de candidatos inscritos nos seus vestibulares dos últimos anos.

A pesquisa e a pós-graduação em nossa universidade, que até os anos 1990 davam seus primeiros passos, agora estabelecem as bases para o futuro, em plena consonância com as principais diretrizes atualmente discutidas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), e que já vêm sendo implementadas pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp). Hoje estabelecemos uma nova política de pesquisa e pós-graduação, centrada no fomento a professores/pesquisadores, a programas de pós-graduação e à capacitação docente e técnico-administrativa.

De forma transparente e competente, os recursos da UFF vêm sendo empregados para viabilizar a participação de docentes e alunos em eventos científicos no Brasil e no exterior, a concessão de bolsas de iniciação científica e de recém-doutor, o financiamento em infraestrutura para os cursos de pós-graduação e para as atividades de pesquisa nas unidades. Tais recursos estendem-se ainda para apoiar, por meio da Eduff, a edição de periódicos científicos e livros de qualidade que veiculam a produção do conhecimento a partir de pesquisas realizadas por nossos professores e alunos. Não obstante, no âmbito da Propp, estamos revendo nossas ações na área do Projeto de Incubadora de Empresas e de projetos de base científica e tecnológica, visando ampliar nossa inserção tecnológica e a captação de recursos para a realização de projetos e crescimento institucional.

Também é importante ressaltar que temos procurado incentivar a perfeita integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, através das nossas pró-reitorias. O programa de apoio à participação de alunos em eventos acadêmicos inclui a realização conjunta da Agenda Acadêmica, dos seminários de Iniciação Científica, Monitoria e Extensão. Esses são exemplos marcantes desta integração, sem falar do edital de apoio a cursos de graduação, numa parceria entre a Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos e a Propp.

Nossa expectativa é de que, em curto espaço de tempo, o resultado dessas ações tenha profundo efeito em nosso perfil acadêmico, pois os números deste ano já são animadores: ampliamos o número de grupos de pesquisa e de bolsas de iniciação científica. Também ganhamos mais projetos no Edital Universal do CNPq, aumentando em 77,3% os recursos obtidos em relação aos do ano passado, e continuamente temos estimulado a participação da UFF com projetos em diversos editais lançados pelas agências de fomento. Acreditamos que a UFF reúne uma comunidade de professores, alunos e técnico-administrativos capaz de enfrentar dificuldades e desafios, buscando a consolidação do seu espaço acadêmico e o sucesso da universidade pública no Brasil como elemento indispensável para a soberania nacional.

MAIS EMPREGO PASSA PELA EDUCAÇÃO

Martius Vicente Rodriguez y Rodriguez, DSc*

Se observarmos a evolução do mundo, veremos que o conhecimento tem sido a mola mestra do crescimento do ser humano em toda a sua história. Parece estranho se falar em gestão do conhecimento quando, sem o mesmo, não estaríamos onde estamos hoje, com este grau de desenvolvimento humano e tecnológico.

Retornando a 1890, no início do Fordismo e em plena Era Industrial, vemos a construção de empresas, baseadas na organização oriunda do Exército e da Igreja, organizações de sucesso há milhares de anos, com uma estrutura hierárquica funcionando como um relógio, ou pelo menos esse era o desafio. Naquela época, os conhecimentos dos principais processos da organização ficavam retidos nos níveis mais elevados da empresa e eram criados níveis hierárquicos melhor remunerados, que tinham a função de controlar e direcionar os esforços dos empregados no sentido de serem atingidas as cotas de produção.

Tudo na sociedade industrial e nas empresas que foram criadas naquela época obedecia aos rígidos princípios do mecanicismo, onde chefes controladores e empregados submissos eram ingredientes fundamentais para o sucesso da empresa.

Tudo ia muito bem até o final da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente na década de 1940, quando os cérebros disponíveis no mundo – que foram utilizados para construir máquinas e armas de guerra – precisavam atuar para reconstruir os países e cidades. Esse foi o primeiro de uma série de acontecimentos que iriam demonstrar que mais do que fazer era necessário planejar, analisar e criar, e que o homem começava a ter um diferencial agora mais evidente para manter competitivas as empresas.

A Era da Informação surgiu então com o primeiro computador eletrônico em 1946, pesando aproximadamente 30 toneladas. Já era estimado na época que no futuro o computador não iria pesar mais do que 1,5 tonelada. Um grande engano, do qual achamos graça hoje, se considerarmos o tamanho do erro cometido na previsão. Mas se considerarmos os paradigmas da época, isso pode ser perfeitamente entendido.

Assim, as tecnologias de gestão resgataram conceitos antigos e evoluíram ainda mais, com a implantação da qualidade total na década de 1970 e da reengenharia nas décadas de 1980 e 1990. Isso forçou o aumento da competitividade das empresas e deu espaço para o homem poder utilizar, de modo mais democrático, toda a sua criatividade e inovação, inicialmente restrita a pequenos grupos de pessoas de nível estratégico.

Essa evolução trouxe benefícios para o homem, como o espetacular aumento da vida média de 35 anos em 1900 para 65 anos em 2000. Mas também trouxe uma preocupação ainda maior com relação ao seu emprego, a cada momento ocupado por máquinas e computadores.

Iniciados na década de 1990, os sistemas integrados de gestão trouxeram mais uma pitada de preocupação para os empregados e alívio para as empresas na sua interminável batalha pela

competitividade. Isso quando os sistemas integrados de gestão eram implantados com sucesso. De qualquer forma, seria uma questão de tempo: os controles e rotinas físicas ou intelectuais vêm sendo realizados por máquinas e computadores de uma forma extremamente acelerada, fazendo com que cada um de nós se preocupe ainda mais com relação ao futuro.

Só não podemos esquecer que a mola mestra de todo o processo foi e tem sido o homem e a sua capacidade de acumular conhecimento. De geração a geração, novos conhecimentos são consolidados e passados aos nossos filhos, para que eles continuem a eterna busca de novos conhecimentos.

Com a tecnologia, o fluxo de informação superou todas as expectativas em termos de velocidade. Com isso, o volume de informação também aumentou de forma exponencial e, com a democratização da informação, o conhecimento como um todo da humanidade tem evoluído a passos largos.

Assim, podemos depreender que o Conhecimento e a sua gestão não são algo novo. Apenas se tornou evidente em um determinado momento que, ao se passar de uma Era Mecanicista para uma Era da Informação ou do Conhecimento, o diferencial das empresas estará não em seus prédios ou infra-estruturas, mas nas pessoas que as compõem.

Dizer isso é relativamente fácil, ou seja, reconhecer que o homem e o seu conhecimento podem fazer a diferença entre o sucesso ou não de uma organização. Mas na prática estamos na grande maioria das vezes em companhias totalmente imersas na sociedade industrial, onde controlar o horário e o tempo dedicado à empresa é mais importante do que o resultado que as pessoas possam trazer para a organização.

Essa mudança de cultura implica em alterações nas regras de poder vigentes nas organizações e somente aqueles que possuem total segurança sobre o que estão fazendo é que terão coragem de mudar, apostando que essa será a direção correta. O líder na empresa precisa agora, mais do que nunca, entender o ser humano não mais como uma máquina para apertar parafusos e que deve utilizar o máximo desta máquina até que a mesma não sirva mais. O líder precisa agora considerar que o diferencial estará na capacidade de criar e alavancar resultados – e isso poderá ocorrer à meia-noite ou ao meio-dia – o controle da hora não irá afetar o resultado, mas o controle do resultado irá afetar o sucesso ou não da empresa.

Nestes novos tempos onde a necessidade de inclusão social se torna fundamental para um adequado desenvolvimento sustentável do Brasil e diante de uma mudança radical de conceitos e conhecimentos trazida pela sociedade do conhecimento, a Educação se torna a mola mestra de todo esse processo de reposicionamento das pessoas no mercado, cada vez mais competitivo e baseado em valores intangíveis.

Desta forma, as escolas e universidades se transformam em verdadeiros celeiros de novos profissionais, atuando como molas propulsoras dessa mudança.

* Prof. Adjunto – UFF/Departamento de Administração

Autor de diversos livros sobre gestão do conhecimento, entre eles *Gestão empresarial – organizações que aprendem*, Editora QualityMark, Rio de Janeiro, 2002.

realização



Universidade Federal Fluminense - Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues - **Vice-Reitor:** Antonio José dos Santos Peçanha - **Núcleo de Comunicação Social - Diretora:** Cristina Ruas - **Momento UFF - Editoras:** Pamela Archontakis e Regina Schneiderman - **Redação:** Kátia Vieira, Luiza Peluso, Pamela Archontakis, Regina Schneiderman, Rosane Fernandes e Sonia de Onofre - **Programação Visual e Diagramação:** Afonso Vicente Araujo Almeida e Marcos Aurélio do Rego Monteiro - **Bolsistas:** Daniel Braga, Fernanda Gomes, Fernanda Pimentel, Mabel Antunes, Mariana Mello de Medeiros (Jornalismo), Arnold Eduardo Zarate Aldana e Daniel Saturnino Braga (Publicidade e Propaganda), Eduardo Heleno de Jesus Santos e Rossana Fraga (Fotografia) - **Voluntária:** Monica Artilles - **Capa:** arte de Afonso Vicente Araujo Almeida com fotos de arquivo - **Endereço:** Rua Miguel de Frias, 9, 8º andar, Icaraí, Niterói/RJ - 24220-000 - **Tels.:** 2629-5239 e 2629-5240 (telefax) - **E-mail:** nucs@vm.uff.br - **Tiragem:** 13.000 exemplares - **Fotolito e impressão offset:** WalPrint Gráfica e Editora - **Site UFF Notícias:** www.noticias.uff.br



UFF CRIA NOVO PÓLO EM RIO DAS OSTRAS

Mais um importante passo foi dado no processo de interiorização do ensino da UFF com a entrega, à Prefeitura do município de Rio das Ostras, do “Estudo de Viabilidade de Implantação do Pólo Universitário no Município de Rio das Ostras”. A proposta marca nova forma de expansão da universidade e prevê a implantação de quatro cursos em 2004 e mais dois em 2005.

Daniel Braga



Reitor discursando na cerimônia em Rio das Ostras

O reitor da UFF, Cícero Mauro Fialho Rodrigues, no dia 16 de agosto, entregou o projeto ao prefeito Alcebiades Sabino. A solenidade se realizou no Iate Clube de Rio das Ostras e reuniu autoridades municipais e representantes da UFF.

A importante trajetória do processo de interiorização da UFF busca, através da disseminação do conhecimento, dar oportunidade ao jovem do interior de obter formação de qualidade perto de sua residência. Ao evitar a migração para os grandes centros, a iniciativa produz resultados positivos quanto ao desenvolvimento social e econômico das regiões do interior onde atua. Consciente da necessidade de proporcionar aos habitantes educação de nível superior de qualidade, a Prefeitura os prepara para colaborar com o desenvolvimento do município, e deseja no futuro ser reconhecida como uma cidade universitária.

O projeto prevê a implantação inicial dos cursos de Ciência da Computação, Enfermagem, Psicologia e Serviço Social. A escolha foi fruto de pesquisa realizada no município envolvendo a população, estudantes e funcionários. Nesta primeira fase, será realizado vestibular isolado, e as aulas serão ministradas num colégio a ser cedido pela Prefeitura, que contará com biblioteca, laboratórios de informática, centro anatômico, biotério, entre outros setores. Uma comissão foi especialmente designada para fazer supervisão dessa etapa e, paralelamente, acompanhar a construção do campus universitário.

Pólo universitário

O campus será construído na Zona Especial de Negócios, região que abriga indústrias voltadas à tecnologia e que adota política de preservação do meio ambiente. As edificações do pólo da UFF em Rio das Ostras contarão com área de 29 mil metros quadrados e espaço suficiente para implantação e expansão tanto de novos cursos de graduação como de pós-graduação, extensão e demais ações a serem desenvolvidas pela universidade na cidade.

O estudo de viabilidade foi elaborado por uma comissão designada pela Reitoria, formada pelo professor Dálgio Roberto de Carvalho e Cunha (coordenador do projeto), professora Ana Maria Lopes Pereira, Paulo de Souza Monteiro e Sonia Maria Silva Hage. O grupo contou com

interesse e apoio efetivos dos diversos setores da universidade, que participarão do processo de implantação do pólo. O estudo abrangeu desde questões acadêmicas, financiamentos e estrutura, até materiais de sala de aula e horários de alunos.

No momento em que se elabora o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) para a UFF, a implantação do Pólo Universitário em Rio das Ostras vem somar-se à missão da universidade de produzir e difundir o conhecimento, além de contribuir para o desenvolvimento social e auto-sustentado do Brasil, visando uma sociedade solidária, democrática e justa.

Entrevista com o prefeito Alcebiades Sabino, prefeito de Rio das Ostras

Qual a importância da implantação desse pólo da UFF para o município de Rio das Ostras?

Esse é um projeto longamente esperado. Sabíamos da complexidade dos estudos e de sua análise, estávamos cientes de que a universidade precisava se cercar das garantias necessárias para se instalar no município. A Prefeitura procurou oferecer estas garantias. Acreditamos que a UFF possa transformar Rio das Ostras num grande pólo, num grande centro universitário e é esse nosso desejo. Consideramos a UFF uma universidade “nossa”, a universidade do Rio, do Estado do Rio de Janeiro. A instituição irá modificar o perfil da cidade, gerando novas expectativas. Hoje o nosso maior investimento é a chegada da UFF a Rio das Ostras.

Como foi feita a escolha dos cursos?

Há cinco anos fazemos pesquisas no município, e os cursos escolhidos foram os de maior procura pelos nossos estudantes. A definição dos cursos foi feita a partir dessas expectativas, aliada às necessidades futuras de Rio das Ostras. Um exemplo disso é que no ano que vem iremos inaugurar um grande hospital municipal, e esses cursos visam atender a essa demanda por profissionais da área de saúde.

É desejo manter a força de trabalho no município?

Hoje temos mais de mil estudantes universitários em Rio das Ostras que se deslocam da cidade todos os dias por diversos meios de transporte. Isso, muitas vezes, faz com que os pais tenham de deixar seus filhos morar em outros municípios, longe de suas famílias e de suas raízes. Acreditamos que, com o Pólo

Daniel Braga



Jorge De La Roque (esquerda), professor da UFF, um dos colaboradores do projeto, junto com o prefeito de Rio das Ostras, Alcebiades Sabino

PÓS-GRADUAÇÃO DA UFF APOSTA NA INTERIORIZAÇÃO

Fernanda Pimentel

O interior do Estado do Rio de Janeiro está sendo beneficiado com cursos de pós-graduação promovidos pela UFF. Uma das preocupações da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp) é fornecer ensino de qualidade e fomentar a integração universidade-interior.

Em Campos dos Goytacazes, desde 1993, a UFF oferece cursos de especialização em Políticas de Saúde Pública e Problemas Ambientais Regionais. Na cidade de Volta Redonda, há três anos, é possível fazer os cursos de mestrado e doutorado em Engenharia Metalúrgica. E a partir de 1996, também começaram a funcionar os cursos de especialização em Logística Empresarial; Estratégia Industrial, Gestão de Negócios e Estratégias de Marketing. Em Nova Friburgo, a UFF já esteve presente com os cursos de especialização em História do Brasil (1995) e em Campos, com Psicanálise (1996).

“A carência de cursos de qualidade nessas regiões é muito grande. Daí a importância do projeto para a formação de recursos humanos qualificados nessas áreas”, diz a coordenadora de Pós-Graduação da UFF, Andréa Latgé.

Além disso, a universidade está realizando parcerias de sucesso com instituições de outros estados. Entre elas, destaca-se o convênio estabelecido entre a Universidade Federal de Alagoas e a pós-graduação em Patologia, e entre a Universidade do Oeste do Paraná e o curso de mestrado e doutorado em História. O próximo passo será a implantação do curso de mestrado em Ciências Veterinárias na cidade de Bom Jesus do Itabapoana.

Informações em Volta Redonda para os cursos de Estratégia Industrial, Gestão de Negócios e Estratégia de Marketing podem ser obtidas pelo telefone (24) 3344-3031 ou pelo e-mail giovana@metal.erimvr.uff.br. Para o curso de Logística Empresarial o telefone é 3344-3020. E para o de Engenharia Metalúrgica é 3344-3030 ou e-mail coord@metal.eeimvr.uff.br. Em Campos, o telefone é (24) 2722-0334 ou e-mail vaniaposgrad@hotmail.com.br.

SERVIÇO VOLUNTÁRIO: UMA VIA DE MÃO DUPLA PARA A FELICIDADE

Pamela Archontakis

Para muitos, ser feliz continua a ser sinônimo de *status*, poder e riqueza. Em um mundo onde apertos de mão determinam a guerra ou a paz, criam acordos inescrupulosos e selam pactos de corrupção, ainda é possível encontrar pessoas que estendem a mão simplesmente para ajudar, sem saber que seu gesto espontâneo pode voltar-se para elas – em forma de satisfação e felicidade.

Sensível à atitude humanitária dessas pessoas, a UFF instituiu, em agosto deste ano, o Programa de Serviço Voluntário. Além de regularizar o trabalho que já vinha sendo desenvolvido nos diversos *campi* da instituição, a iniciativa é uma oportunidade para quem deseja contribuir com a universidade, seja nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, ou em atividades de natureza científica, tecnológica, cultural, entre outras.

Um caso de amor

A partir da vontade manifestada por funcionários técnico-administrativos, docentes e alunos em trabalhar voluntariamente, a Procuradoria-Geral (Proger) da UFF começou a analisar a legalidade desse tipo de serviço. “Como já havia uma lei que tornava lícita essa participação, nós nos permitimos, em 2000, sugerir ao Conselho Universitário que apreciasse e regularizasse o trabalho voluntário na universidade”, afirma a procuradora Maria de Fátima Salles Teixeira. Ela se refere à Lei 9.608, de 18 de fevereiro de 1998 – a Lei do Voluntariado –, que estipula os parâmetros gerais desse tipo de serviço. “Agora, cada instituição

pública é que deve estabelecer os procedimentos do funcionamento do programa”, acrescenta o procurador Alfredo Dolcino Motta. Com o esforço conjunto da Procuradoria-Geral, da Superintendência e do Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos, foi aprovada e publicada a Norma de Serviço 536/2003, instituindo o voluntariado na UFF. A proposta pretende organizar uma atividade que já vinha sendo praticada há algum tempo e que, segundo o procurador-geral Luís Otávio Laxe Vilela, não era reconhecida: “Havia muitos voluntários em situação ‘clandestina’ e a universidade não podia reconhecer o trabalho dessas pessoas, que é importantíssimo. Com a lei, em 1998, surgiu a possibilidade desse trabalho se tornar visível, estimulando o ingresso de pessoas com capacidade produtiva, além daquelas que se aposentaram precocemente devido a políticas econômicas e administrativas do país. Estas pessoas da própria universidade queriam retornar e não havia mecanismos para isso.”



Rossana Fraga

Os procuradores
Maria de Fátima

Salles Teixeira, Alfredo Dolcino Motta e, abaixo, o
procurador-geral da UFF, Luís Otávio Laxe Vilela

O vice-reitor da UFF, Antonio José dos Santos Peçanha, aponta exemplos de pessoas que se enquadram nessa situação, como os médicos Yusef e Sulaiman Bedran que, apesar de aposentados, continuam trabalhando, gratuitamente, no Huap. Já Eliane Bordalo ainda não se aposentou, mas deseja continuar a exercer voluntariamente a medicina. Outro exemplo é o trabalho voluntário desenvolvido pelos docentes aposentados da Associação dos Professores Inativos da UFF (Aspiuff). “Eu observo o amor e o entusiasmo das pessoas da Aspi pela UFF. Muitos foram meus ex-professores. Eles continuam trabalhando porque têm vontade”, diz o professor Peçanha.

Na prática

A paixão é importante, mas, como em qualquer atividade regulamentada, o serviço voluntário na UFF também tem suas normas. Uma delas exige que o voluntário seja pessoa física maior de 18 anos. É preciso também atender ao perfil solicitado pela área proponente. A Norma de Serviço do Programa estabelece ainda que a prestação do trabalho voluntário não será remunerada. Uma questão que poderia gerar dúvidas é a especulação de que o voluntário, no dia-a-dia, tivesse seu trabalho confundido com o dos servidores. A Procuradoria-Geral esclarece que isso, além de impossível, é claramente proibido. “Essa questão está regulamentada na Norma, que proíbe ao voluntário exercer qualquer tipo de trabalho específico de responsabilidade do servidor. O magistério, por exemplo, não pode ser delegado a um voluntário”, enfatiza a procuradora Maria de Fátima. Embora não possa realizar as funções de um servidor, o voluntário pode ajudar, e muito, em atividades de apoio. “O professor voluntário não pode assinar diário, mas pode fazer palestra, participar de grupos de estudo ou de pesquisa”, exemplifica o procurador Alfredo Motta.

Outras informações sobre como participar do Programa de Serviço Voluntário podem ser obtidas na Superintendência de Recursos Humanos pelo telefone 2629-5212 ou pelos e-mails rechumanos@gar.uff.br e heitormoura@gar.uff.br, ou ainda na Proger pelo telefone 2717-3371 ou e-mail proger@vm.uff.br.

Entrevista com o diretor-geral do Huap, Leonardo Carâp

Há pessoas que já participam do Programa de Serviço Voluntário no Huap?

Formalmente, ainda não. Apesar disso, a gente tem uma clara idéia de pessoas que gostariam de trabalhar nesse modelo de voluntariado. Com essa regulamentação, a gente consegue pensar em algumas atividades que são desenvolvidas aqui dentro, principalmente com relação à Pediatria.

E de forma autônoma, existe alguém colaborando com o hospital universitário?

O Huap tem uma complexidade muito grande em atividades que o ajudam a funcionar de verdade, que são as atividades-meio. Exemplo disso é o trabalho realizado pela Associação dos Colaboradores do Hospital Universitário Antônio Pedro (Achuap), que está sempre fazendo coisas muito interessantes. Todos os recém-nascidos, por exemplo, saem com um enxovalzinho que as voluntárias preparam. Essa é uma atividade interessante, assistencial, voluntária. Creio que na Pediatria eles ainda não têm nenhum serviço. Estou estimulando as voluntárias da Achup a desenvolverem atividades educacionais e lúdicas com as crianças.

O que o senhor acha dessa iniciativa da UFF?

Acho fantástica. Mas quero ressaltar a questão das pessoas que se aposentam e que gostariam de ser voluntárias, embora não tenham nenhuma vocação para lidar com o paciente. Tais pessoas, entretanto, podem ter habilidade para as atividades-meio. Penso que não devemos apenas imaginar pessoas atendendo diretamente aos pacientes. Porque é possível ter uma secretária voluntária, um arquiteto voluntário, um engenheiro voluntário, todos trabalhando aqui no Huap. Temos de desmistificar um pouco a questão do voluntariado, isto é, ajudar não só quem está na “ponta”, mas o próprio voluntário. Ele não tem necessariamente demandas financeiras, mas sociais, psicológicas ou afetivas e gostaria de estar novamente inserido em um grupo de pessoas, realizando um trabalho e sentindo-se útil. Costumamos relacionar o voluntariado à ação direta com o paciente, mas acho que temos de ter espaço para os outros voluntários que não têm essa vocação de lidar com a doença, mas podem ter vocação muito boa de organização, gerando outro tipo de trabalho que seja útil ao hospital da mesma forma.

ALUNOS VOLUNTÁRIOS VIRAM PROFESSORES

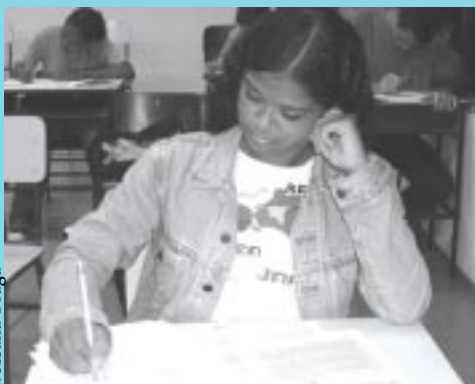
Regina Schneiderman

Transformar sonho em realidade. Esse é o objetivo de alguns alunos da Escola de Engenharia, de outros cursos da UFF e até de uma outra universidade que se tornaram professores voluntários do Curso de Pré-Vestibular Popular da Engenharia. O curso destina-se a alunos de escolas públicas que sonham em passar no vestibular para uma universidade pública. Esses estudantes, em grande parte, recebem ensino deficiente, que não oferece condições de competirem com aqueles que podem pagar por um cursinho de pré-vestibular.

O Pré-Vestibular Popular da Engenharia funciona há quatro anos. Começou em março de 1999 e em 2001 passou a ser um projeto de extensão da Pró-Reitoria de Extensão (Proex). A iniciativa de criar o curso partiu de uma sugestão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e foi adotada por um grupo de alunos da Escola de Engenharia que logo contou com o apoio do professor Plácido Barbosa, chefe do Departamento de Engenharia Civil e coordenador técnico e administrativo do projeto.

Atualmente, o curso tem duas turmas de 60 alunos e conta com 22 professores voluntários. Desse total, 14 são alunos da Escola de Engenharia, sete são de outros cursos da UFF (Arquitetura, Biomedicina, História, Letras, Odontologia) e uma aluna é da Uerj. À medida que os professores voluntários vão se formando, são substituídos, o que geralmente acontece a cada dois anos. O Pré-Vestibular Popular funciona em cinco salas, quatro no prédio novo da Escola de Engenharia e uma na Escola de Arquitetura. O projeto recebe como apoio institucional três bolsas, duas da Proex e uma de treinamento.

Segundo Barbosa, uma das propostas do cursinho é promover parcerias com algumas empresas do setor privado durante a Semana de Extensão da UFF.



Rossana Fraga

“Você aprende em quatro meses o que não aprendeu em dois anos”

Foi o que Sabrina Celestino disse sobre sua experiência como aluna do cursinho pré-vestibular da Engenharia. Ela tem 16 anos e cursa o terceiro ano do ensino médio no Colégio Estadual Zuleika Raposo Valladares, na Ilha da Conceição, em Niterói, onde mora. Seu sonho era fazer o curso de Pré-Vestibular Popular Oficina do Saber da UFF, que funciona no Mequinho, mas, como eram muitos inscritos, acabou desistindo. Pretende estudar Serviço Social ou Psicologia. “Os professores nos passam muita força de vontade e dizem que temos de buscar um ideal. Conversam muito com a gente e nos estimulam a estudar. Se não fizesse esse curso, estaria perdendo um ano da minha vida. Mesmo que eu não passe, valeu a pena”, garante.

O objetivo é conseguir apoio e assim poder oferecer bolsas para os alunos-mestres. Além disso, pretende obter maior apoio institucional para o fornecimento de material de consumo.

Experiências

O curso funciona diariamente das 18h20 às 21h50. Aos sábados são oferecidas aulas extras. Do grupo de voluntários, todos são alunos e a única exceção é a professora de Biologia, que é veterinária, formada pela UFF. Ao falarem sobre o trabalho, os professores voluntários têm algo em comum: um brilho no olhar e a certeza de que fizeram a opção certa para as suas vidas.

Sobre a experiência no pré-vestibular, o aluno Rodrigo Stockmann Silva Novo, 23 anos, cursando atualmente o sétimo período de Engenharia Química, diz que começou a dar aulas de Química neste ano e que “sempre teve vontade de dar aulas para uma turma maior. É uma experiência dinâmica, crescemos no lado pessoal e social. É muito bom contribuir, mas também aprendo com eles. As dúvidas dos meus alunos acabam se tornando fonte de pesquisa e dessa forma eu aprendo mais. Tenho vontade de ser professor e desejo fazer mestrado e doutorado.”

Fernanda Taveira Moreira, 27 anos, está trabalhando desde maio. Cursa o sexto período de Engenharia Química e leciona Química Orgânica. Para ela, ser voluntária “foi uma forma de ganhar experiência”. Mas confessa que se empolgou em dar aula. “São 60 alunos, e todo dia vou aprendendo a lidar com eles. Sempre fui estudante, mas então você se vê do outro lado e pensa como deve se comportar. Gosto de ser professora.” Ela acredita que com seu trabalho está prestando um serviço e ajudando o próximo.

Outro voluntário é Leandro Chuanque, 23 anos, cursando o décimo período de Engenharia Civil. Entrou para o cursinho em maio de 2002 e leciona Matemática II, Trigonometria, Geometria Plana e Espacial. Para ser professor, revela que foi preciso mudar. “Tive de superar a dificuldade de ser inibido. Comecei dando aula por necessidade de substituir um amigo e acabei gostando. Achava o trabalho interessante, mas faltava coragem para encarar uma turma de 60 pessoas. Temos alunos de 15 a 50 anos.” Chuanque vê o trabalho como uma troca de experiência e uma forma de contribuição. Mesmo depois de formado, pretendo continuar como voluntário”. Chuanque admite que antes de entrar tinha um certo preconceito. Sensível, observa que a auto-estima dos alunos que estão entrando chega diminuída, porém tenta mostrar que eles são capazes, que não é impossível passar no vestibular e que isso só depende deles. “A nossa taxa de aprovação é alta: no ano passado, 50% dos nossos alunos foram aprovados para a Uerj, Unirio e UFF”, orgulha-se.

Mais outro exemplo de dedicação é o da estudante Michelle Silva de Oliveira, 24 anos, do curso de Engenharia Química. Ela começou a dar aula de Química Inorgânica em agosto de 2002 e mostra outras qualidades: “Neste ano estou atuando como coordenadora e selecionei os professores. No último processo de seleção, 480 alunos se candidataram e foram selecionados novos professores voluntários.



Rossana Fraga

Alunos da UFF que atuam como professores no pré-vestibular gratuito da Engenharia e o coordenador, professor Plácido Barbosa (em pé, à direita)

Na Engenharia a aceitação foi boa porque os alunos-professores têm e dão aula no mesmo lugar.” Consciente, Michelle explica que decidiu ser voluntária para fazer mais pela sociedade e porque queria participar de um projeto social.

Melhorias

Os professores voluntários apontam algumas melhorias para o funcionamento do cursinho. Para Fernanda Moreira, seria bom que os alunos tivessem um lugar para estudar e que pudessem contar com mais papel e xerox. Ela conta que, enquanto as aulas não começam, eles estudam no chão. “Precisamos de papel para a confecção de apostilas, reprodução de provas e folhas de exercícios. Doamos esse material para os alunos porque eles não têm dinheiro”, afirma.

Segundo Michelle Oliveira, para funcionar melhor, o curso precisa de um computador para confecção de provas e criação de um banco de dados dos alunos. Ela gostaria que todos os professores voluntários contassem com bolsa de trabalho para ajudar nos gastos com lanche e transporte.

Resultados já aparecem

Neste ano o Curso de Pré-Vestibular Popular da Engenharia conseguiu aprovar 28 alunos para a primeira fase do vestibular da Uerj. A turma dos professores voluntários está comemorando o resultado que representa 70% de aprovação.

O Pré-Vestibular Popular da Engenharia funciona no Campus da Praia Vermelha, Rua Passo da Pátria, 156, São Domingos, Niterói, telefones 2629-5447 e 2629-5448.

Outros cursos de pré-vestibular popular da UFF

Pré-Vestibular Popular do Diretório Central dos Estudantes – Rua Visconde do Rio Branco, 625, Centro, Niterói. Telefone: 2622-3626.

Pré-Vestibular Oficina do Saber – Mequinho – Rua Jansen de Melo, 174, Niterói. Telefone: 3604-6169.

Pré-Vestibular Solidário III – Diretório Acadêmico de Química – Outeiro de São João Batista, s/n, Campus do Valonguinho, Centro, Niterói. Telefone: 2620-1313.

Pré-Vestibular Popular de Pádua – Ciep 469 Professora Anaide Panaro Caldas, Rua Chaim Elias, s/n, Santo Antônio de Pádua (RJ). Telefone: (24) 385-0994

PDI: UMA ESTRATÉGIA PARA O FUTURO DA UFF

Luiza Peluso e Daniel Braga Monteiro

A construção de um projeto de desenvolvimento institucional tem mobilizado toda a comunidade universitária, e no final de setembro foi amplamente discutida a proposta norteadora do trabalho de edição do primeiro Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFF. A partir de três eixos fundamentais – tornar a instituição uma universidade de excelência de modo a contribuir para a solução das questões que a humanidade enfrenta; traduzir o conhecimento produzido em benefício da construção de uma sociedade solidária e mais justa; e permitir que a produção do conhecimento acompanhe criticamente as transformações da sociedade –, a comunidade da UFF foi dividida em quatro áreas estratégicas de discussão: Graduação e Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Planejamento e Gestão, Recursos Humanos. A participação ativa de cerca de 300 pessoas demonstrou o interesse e envolvimento dos diversos setores nos destinos da universidade.

Rossana Fraga



A apresentação da proposta reuniu grande parte da comunidade universitária no Teatro da UFF

A proposta

O desejo de ter uma expansão planejada da universidade levou uma comissão, instituída há dois anos pelo reitor Cícero Mauro Fialho Rodrigues, a elaborar uma proposta. Ela foi desenvolvida a partir da consulta a diversos setores e documentos da UFF, assim como ao Projeto Pedagógico Institucional, os indicadores institucionais e outros PDIs. Os dados apurados na pesquisa, somados à compreensão e percepção da instituição, possibilitaram a elaboração de uma proposta que deveria ser submetida à discussão com os diversos setores da universidade. Fundamentada em valores

democráticos e acadêmicos, a proposta teve o mérito de ter sido construída de forma participativa.

Na apresentação da proposta, o professor Francisco de Assis Palharini disse que “a UFF tem por missão, através da produção e difusão do conhecimento tecnológico, artístico e cultural, promover a formação de cidadãos imbuídos de valores éticos que, com competência técnica, contribuam para o desenvolvimento social e econômico auto-sustentado do Brasil, na perspectiva de uma sociedade democrática, solidária e mais justa”. A perspectiva é de que em 2008 esse objetivo seja alcançado. Para isso foram definidas

três prioridades: a expansão da graduação, pós-graduação e extensão, interação mais efetiva com a sociedade e organização interdisciplinar do ensino, da pesquisa e da extensão. Segundo o professor Hiram Fernandes,

coordenador da comissão e pró-reitor de Planejamento, com a organização de metas e ações haverá otimização de recursos revertidos para a universidade: “Esse documento foi encaminhado ao Conselho Universitário para apreciação. A intenção é que seja implantado em 2004.” E conclui, satisfeito: “É a primeira vez que a UFF tem um plano de desenvolvimento participativo.”

Nova fase de discussão

No dia 1º de outubro, os grupos apresentaram resultados das discussões com as novas contribuições a serem incluídas no PDI. As reuniões para análise, os devidos ajustes e a elaboração final do plano ocorreram ao longo do mês de outubro.

A redação final está sendo elaborada por um grupo de 15 pessoas, constituído pela comissão da proposta e dez representantes dos grupos de trabalho. O PDI será apresentado em uma nova plenária, com toda a comunidade universitária.

Reitor fala sobre o PDI

Vivemos um momento ímpar em nosso país e em particular em nossa universidade. O processo de democratização e de desenvolvimento com justiça social exige um repensar de todas as instituições nacionais. E é nesse contexto que a nossa universidade dá uma demonstração de responsabilidade social ao participar de forma exemplar da construção de um plano de desenvolvimento institucional.

Não se trata de exigência governamental nem de uma mera avaliação, trata-se de definir com clareza a missão e os objetivos de nossa universidade quando tanto se espera dela. Trata-se, enfim, de dar identidade e organicidade a uma instituição que, sustentada pelos cofres públicos, não pode ficar à deriva atuando segundo a vontade de cada um de seus componentes. Este é o início de uma grande caminhada e ponto fundamental para que ao longo dos anos possamos avaliar e aperfeiçoar o caráter público de nossa instituição.





A mesa de abertura do lançamento da proposta: da esquerda para direita: professores Wainer da Silveira (diretor do CTC), Tarcísio Rivello (diretor do CCM), Antonio José Peçanha (vice-reitor), Cícero Mauro Fialho Rodrigues (reitor), Humberto Machado (diretor do CEG) e Pedro Antunes (diretor do CEG)

UFF em números

- 26 unidades universitárias**
- 82 departamentos**
- 52 cursos de graduação**
- 40 programas de pós-graduação**
- 115 cursos de pós-graduação *lato sensu***
- 2 colégios agrícolas**
- 2.267 docentes**
- 4.187 servidores**
- 21.487 alunos de graduação**
- 2.590 alunos de pós-graduação *stricto sensu***
- 4.133 alunos de *lato sensu***
- 78 alunos de residência médica**
- 746 alunos de ensino técnico**

Entrevista com a professora Suzana Maria Moss de Oliveira, secretária de Desenvolvimento da Proplan



Rossana Fraga

O texto que serviu de base para o trabalho dos dias 29 e 30 de outubro sofrerá modificações significativas a partir do resultado apresentado pelos grupos no dia 1º de outubro? Onde foram mais expressivas as mudanças?

A comissão de redação que vai analisar e inserir as modificações propostas se reúne hoje, 6 de outubro, pela primeira vez. Portanto, o resultado das discussões ainda não foi analisado. Contudo, como a Área I (Graduação e Pós-Graduação) foi a mais concorrida, espera-se que seja a que mais apresentará contribuições de grupos de trabalho.

Para se consolidar, o PDI necessita da contribuição de todos os setores da comunidade acadêmica. Esta comunidade, hoje, se mostra disposta a contribuir?

A comunidade mostrou que deseja participar da construção do PDI, visto que aproximadamente 300

pessoas compareceram às reuniões de trabalho. Esse fato é de vital importância, já que o plano precisa do comprometimento de todos para se consolidar.

Quais foram as prioridades definidas nas discussões dos dias 29 e 30?

Não houve definição de prioridades. Os participantes foram deixados totalmente livres para contribuir da forma que lhes parecesse a melhor. Apenas foi enfatizada a necessidade de se trabalhar rápido, para que já no próximo ano a universidade possa estar caminhando com um objetivo único, de forma coordenada, consciente de suas deficiências e de seus méritos.

Qual objetivo despertou maior participação?

Foi o Objetivo I da Área de Graduação e Pós-Graduação: "Aperfeiçoar o sistema acadêmico." O motivo é provavelmente o fato de ser um tema que diz respeito a todas as unidades de ensino.

Em quanto tempo a UFF começará a colher os frutos do PDI?

Como muitas ações propostas não dependem de novos investimentos, acreditamos que a universidade começará a usufruir da existência de um plano que coordene o crescimento conjunto do ensino, da pesquisa e da extensão ainda em 2004. A rapidez com que isso ocorrerá, dependerá fundamentalmente do envolvimento da própria comunidade com a sua implantação. É por isso que a participação de todos ainda na fase de construção do PDI é tão importante.

Quais metas foram traçadas?

As metas serão traçadas assim que todas as estratégicas e correspondentes ações estiverem definidas. A cada ação corresponderá uma ou mais

metas. Cada meta terá um conjunto de responsáveis por seu cumprimento. Contudo, essa é uma etapa posterior à conclusão do plano em si. A participação da comunidade na definição e execução destas metas será crucial para que o PDI seja de fato implantado.



Rossana Fraga

Os grupos de trabalho discutindo a proposta

Relatório Final

O relatório final do PDI foi apresentado à comunidade universitária na reunião do dia 11 de novembro, no Teatro da UFF. Todas as modificações foram aprovadas e serão incorporadas ao texto definitivo. Para ser implementado em 2004, o PDI deverá ser submetido à aprovação dos Conselhos Universitário e de Ensino e Pesquisa. O relatório apresentado nesta última plenária está disponível no site www.uff.br/pdi



O ano de 2003 marca as comemorações dos 35 anos do Cine Arte UFF e do curso de Cinema e

Vídeo. A Mostra 35, realizada entre os dias 12 de setembro e 18 de outubro, apresentou uma retrospectiva dos filmes que foram sucesso todos esses anos. Durante o evento, um grupo de alunos organizou uma exibição de curtas produzidos pelo Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS).

O cinema e o curso de graduação surgiram em 1968 como parte do projeto de expansão da UFF. O cineasta Nelson Pereira dos Santos, que junto com outros professores de cinema da Universidade de Brasília deixou a capital por pressões do regime militar, foi o responsável pelo início da história do ensino e incentivo à arte cinematográfica na universidade. O marco inseriu a cidade de Niterói no circuito cultural do Estado do Rio.

O objetivo de proporcionar aprendizado e prática aos alunos do curso de Cinema e Vídeo concretizou-se com os festivais universitários, que desde 1995 dão visibilidade ao que é produzido pelos estudantes em todo o Brasil.

Cinema e Vídeo

O curso funciona no casarão do IACS e destaca-se no país pelo volume e qualidade da produção e por

UFF COMEMORA 35 ANOS DE CINEMA

Fernanda Gomes de Oliveira

sua grade curricular. A filmografia da UFF começou no início da década de 1970, e os 150 filmes produzidos já renderam 120 prêmios nacionais e internacionais.

“Um aspecto marcante do curso é a importância que atribuímos à formação humanística, uma vez que consideramos fundamental que o aluno adquira um mínimo de familiaridade com as temáticas da filosofia, das ciências humanas, da literatura e sobretudo das artes”, ressalta o professor Antonio Serra, diretor do Instituto de Arte e Comunicação Social.

O Cine Arte UFF dá espaço a produções estrangeiras e, em especial, às do cinema brasileiro que não são exibidas no circuito comercial da cidade. A programação é eclética e contempla tanto a ficção quanto o documentário, o cinema alternativo e até mesmo o comercial. Curtas, médias e longas-metragens são exibidos em festivais e mostras temáticas, como a do cinema soviético, em 1984, e uma dedicada ao humor, em 1992, além de retrospectivas de anos anteriores.

Na sua história merece destaque o Ciclo de Estudos Glauber Rocha, realizado em 1981 por alunos e professores. Houve exibições de filmes e debates sobre a contribuição deixada pelo cineasta, que morreu naquele ano. Paulo Máttar, programador do cinema e um dos organizadores da Mostra 35, foi aluno do curso no início da década de 80. Ele define o Cine Arte UFF como “um espaço que tem uma preocupação

cultural” e que “mantém o espírito inicial”, onde o critério de qualidade é preservado.

Segundo Alexander Vancelotte, que também estudou Cinema na UFF e é programador juntamente com Máttar, o Cine Arte prioriza filmes que têm dificuldade de distribuição, abrindo um leque de oportunidades ao público. Outro cuidado é com os fatos que ocorrem em cada época. “Temos a preocupação de escolher filmes ligados ao contexto histórico”, afirma Vancelotte.

Nas comemorações dos 35 anos, os organizadores escolheram produções que representaram cada ano da existência do cinema. Apesar das dificuldades enfrentadas para conseguir algumas cópias, a diversidade foi mantida. *Gritos e Susurros*, de Ingmar Bergman, representou o ano de 1972, *Cães de Aluguel*, de Quentin Tarantino, 1992, e *Central do Brasil*, de Walter Salles, 1998.

Está disponível na Editora da UFF e na loja cultural do Centro de Artes o livro *Cine Arte UFF 35 anos*, organizado por Leonardo Guelman, diretor do Centro de Artes, e pela equipe de programação do Cine Arte UFF: Alexander Vancelotte, Denise Cataldo e Paulo Máttar.

O Cine Arte UFF tem 484 lugares. Fica localizado na Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí. Ingressos: segundas-feiras: R\$ 2 (preço único), terça a sexta-feira: R\$ 6 (R\$ 3

APRENDER SE DIVERTINDO É POSSÍVEL

Monica Artilles



A Casa da Descoberta é o centro de divulgação de ciência da UFF. Criado em 1999, o projeto é especialmente destinado à socialização do conhecimento científico e tem como objetivo principal tornar público que também é possível aprender ciência fora da sala de aula, de forma alternativa e divertida. Os visitantes têm acesso a mais de 30 experimentos interativos relacionados aos fenômenos comuns da vida diária.

Entre os que fazem mais sucesso com o público está o gerador de Van der Graaff – quem toca em sua superfície metálica sente o eriçar dos cabelos, já que produz grandes diferenças de potencial elétrico. Há também os biombos de espelhos, conjunto de espelhos planos que podem ser articulados de modo a produzir diferentes efeitos, causados pelas múltiplas imagens formadas. Já a bolha de sabão gigante, estrutura de metal com cerca de dois metros de altura, produz uma bolha de sabão capaz de envolver o visitante.

O equilíbrio dinâmico, experimento que mostra de forma simplificada como os corpos flutuam no ar, e o gerador de energia elétrica – quando se pedala uma bicicleta, várias lâmpadas são acesas – são mais algumas das surpresas divertidas.

Com uma área de 250 metros quadrados, o centro de divulgação de ciência da UFF também conta com uma bancada de química, onde um conjunto de mais de dez experimentos são realizados – destaques para o “sangue do diabo”, “vulcão químico”, reação endotérmica, reação policromática e propulsão química.

A Casa visa também despertar vocações na área científica entre os jovens visitantes. Tornou-se o mais importante centro de divulgação científica de Niterói por desempenhar papel de destaque na formação do cidadão, desenvolvendo sua capacidade de aprender, criar e formular, ao invés de somente exercitar a memória. O espaço funciona no segundo andar do Instituto de Física e tem atualmente a participação de professores dos institutos de Física, Química e Geociências, além de monitores. As atividades são gratuitas e se realizam diariamente pela manhã (das 9h às 12h) e à tarde (das 14h às 17h) e nas sextas-feiras somente pela manhã. As visitas em grupos são guiadas por monitores (alunos da UFF e do ensino médio de escolas públicas)

especialmente treinados para guiar os visitantes pelos diversos equipamentos, sem utilizar jargões científicos. Podem ser agendadas pelo e-mail descubra@if.uff.br ou pelo telefone 2620-6735, ramal 209. O centro de divulgação de ciência recebe pessoas de qualquer idade e escolaridade, desde crianças do pré-escolar até alunos da própria UFF.

Mostra Internacional Ver Ciência

Desde 2000, a Casa da Descoberta passa a fazer parte do circuito Rio de Ver Ciência, mostra internacional de vídeos científicos patrocinada pelo Banco Brasil e Petrobrás. Em sua nona edição, em outubro, o evento apresentou vídeos procedentes de diferentes países, como EUA, Inglaterra, França, Alemanha, Japão e Brasil.

Dia da Criança na UFF

No dia 12 de outubro, Dia da Criança, a Casa da Descoberta organizou uma programação especial para comemorar a data.

Crianças de todas as idades se divertiram e aprenderam, pedalando a bicicleta geradora de eletricidade, entrando em bolhas de sabão gigantes e tendo os cabelos eletrizados.

UFF: PRIMEIRO LUGAR EM EFICIÊNCIA ENERGÉTICA NO BRASIL

Kátia Vieira

Eduardo Heleno



Os professores Paulo Duailibe (à esquerda) e Geraldo Tavares, mostrando o certificado e o troféu recebidos da Eletrobrás

O Laboratório de Energia dos Ventos (LEV), vinculado ao Departamento de Engenharia Elétrica da UFF, ganhou o primeiro lugar no Prêmio Nacional de Conservação e Uso Racional de Energia 2002/2003 na categoria Órgãos e Empresas da Administração Pública. O LEV recebeu troféu e certificado em reconhecimento à sua contribuição ao combate do desperdício e uso racional de energia no país.

O prêmio foi instituído pela Presidência da República em 8 de dezembro de 1993 e regulamentado pelo Ministério de Minas e Energia (MME). A premiação tem por objetivo reconhecer e premiar, a cada ano, representantes dos diversos segmentos da sociedade que se destacaram na criação de projetos ou na implementação de ações que visem ao combate ao desperdício de energia no Brasil.

O professor Paulo Roberto Duailibe, coordenador do Setor de Transmissão de Energia Elétrica e pesquisador do LEV, é o autor do relatório, entregue à Eletrobrás, que garantiu à UFF participar pela primeira vez do evento. “Esse prêmio representa o ‘Oscar’ do setor de energia elétrica. É o reconhecimento de todo o trabalho que estamos fazendo na UFF, o que permitiu à nossa instituição servir de exemplo, transformando a universidade em agente multiplicador, demonstrador”, destaca o pesquisador.

A avaliação do trabalho considerou os aspectos e os ganhos obtidos com a redução do consumo de energia elétrica, a relação entre investimento realizado e a redução de consumo, a redução dos custos de operação, a gestão permanente, os benefícios não-energéticos e a aplicabilidade em outras atividades, áreas ou empresas. A análise foi realizada por uma comissão técnica composta por cinco membros, sendo um representante do MME, um da Eletrobrás/Procel e três convidados, especialistas na área de eficiência energética.

Além da UFF, participaram nessa categoria mais 21 empresas sendo premiadas também Furnas-Edifício Sede-RJ (segundo lugar), Universidade Federal de Pernambuco (terceiro lugar), Secretaria de Energia, Indústria Naval e do Petróleo – RJ (Menção

Honrosa) e Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Projeto Inovador).

Entre os projetos do Programa de Ecoeficiência da UFF, foram escolhidos para participar do prêmio os convênios com a Cerj relativos à eficiência do sistema de iluminação. A idéia consistiu na troca sistemática das luminárias já existentes por 3.865 do tipo reflexivas completas com reatores e lâmpadas em vários *campi* da universidade. A energia economizada no período de fevereiro a julho de 2001, por exigência da Eletrobrás, foi de 505,10 MKWh/ano gerando uma economia de R\$ 240 mil.

“Para o Laboratório de Energia dos Ventos, idealizado e dirigido pelo professor Geraldo Tavares, o prêmio é o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido desde 1999, quando foi criado o Programa de Ecoeficiência. Um grande estímulo para continuarmos o projeto que pretende transformar todos os prédios da universidade em exemplo de eficiência energética”, conclui o professor Paulo Duailibe.

Atualmente, o LEV conta com 15 pesquisadores, cinco consultores, quatro técnico-administrativos, nove bolsistas e dois técnicos. A equipe transforma o espaço em um laboratório vivo e atuante na pesquisa, ensino e extensão.

LEV, sinônimo de economia

O LEV foi criado em junho de 1997 com o objetivo de atuar na implantação comercial da energia eólio-elétrica no Brasil. Está vinculado ao Centro Tecnológico (CTC) e faz parte do Departamento de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia, que é chefiado pelo professor Luiz Sérgio Temótheo da Costa.

O laboratório implantou na UFF a disciplina de Introdução à Energia dos Ventos e realizou o Ecwind 98 – Fórum de Energia dos Ventos, que resultou na decisão política do governo do Rio de Janeiro de transformar o estado em um pólo de desenvolvimento tecnológico na área de energia eólio-elétrica.

Em agosto de 1999, o reitor solicitou que o laboratório propusesse e implementasse ações para reduzir o valor das contas de energia elétrica da UFF. O LEV, a Pró-Reitoria de Planejamento, a Prefeitura do Campus e o CTC apresentaram o projeto de pesquisa “Transformação da Reitoria da UFF em Um Modelo de Ecoeficiência”, uma proposta auto-sustentável que atuaria em pesquisa, ensino e extensão nas áreas de eficiência energética, água, resíduos sólidos e agrotóxicos. Com a implementação do trabalho, verificou-se que era importante expandir a idéia de ecoeficiência para toda a

universidade, sendo então criado o Programa de Ecoeficiência da UFF. O estudo gerou redução de 3.800.000 KWH, representando economia de R\$ 1,9 milhão nas contas de energia elétrica da UFF no período de dezembro de 1999 a outubro de 2002.

Através do LEV, a universidade vem participando desde 2001 do Programa de Pesquisa e Desenvolvimento da Aneel, que é dirigido às empresas concessionárias de energia elétrica no Brasil. Entre as universidades brasileiras, a UFF foi a que obteve um dos maiores índices de projetos aprovados pela agência reguladora. Prova disso são as parcerias com empresas de relevância para o setor elétrico brasileiro, como Furnas, Light e Cerj.

O LEV implantou em 2002 o Laboratório de Luminotécnica (Lablux), integralmente com os recursos oriundos do Programa de Ecoeficiência. O Lablux poderá futuramente ser um dos poucos laboratórios no Brasil credenciados para execução de testes de conformidade em equipamentos luminotécnicos.

Com recursos do Programa de Ecoeficiência da UFF, foi montada também em 2002 uma sala na Escola de Engenharia para o Programa Estratégico Brasileiro de Energia Eólica. A iniciativa é uma parceria entre o LEV e a Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, visando desenvolver pesquisas estratégicas para a implantação comercial, em grande escala, de energia eólio-elétrica no Brasil.

Vale destacar que, utilizando a metade da economia obtida nas contas de energia elétrica da UFF com as ações executadas pela equipe do programa, foram reformados e equipados os espaços do LEV, de modo a oferecer condições mínimas para a realização de projetos de pesquisa, extensão e ensino.

Outras informações sobre o Laboratório de Energia dos Ventos podem ser obtidas pelo telefone 2621-4587, e-mail ecowind@telecom.uff.br ou homepage www.uff.br/lev.



Professores, estagiários e funcionários do Laboratório de Energia dos Ventos

Eduardo Heleno

“SEM EDUCAÇÃO NÃO SE CONCRETIZA O IDEAL REPUBLICANO”

Mariana Mello de Medeiros

Com essas palavras, o professor Waldeck Carneiro defende a educação como uma instituição viva que dialoga com a sociedade e por meio dela se reformula. Segundo ele, a educação precisa estar no coração de cada brasileiro. Doutor em Sociologia da Educação, Carneiro já lançou mais de dez livros, entre eles “Formação dos profissionais da educação”, pela Eduff; “La formation des maîtres à l’université”, publicado na França, e “Universidade e sociedade no Brasil”, organizado em 2001. Atualmente, é diretor da Faculdade de Educação, membro do Conselho Municipal de Educação e da Comissão Municipal de Orçamento Participativo, Controle e Fiscalização, além de estar à frente do Fórum Nacional dos Diretores de Faculdades de Educação das Universidades Públicas (Forumdir).

Parece ser da opinião dos setores da educação que o Provão fere a autonomia que o próprio governo confere à universidade pública. O Provão é realmente uma incoerência ou pode representar o começo de uma política de avaliação que virá a ser aperfeiçoada? Até que ponto a universidade precisa dessas avaliações para certificar-se de que oferece um ensino de qualidade?

É importante, sim, avaliar a universidade. É profundamente defensável. É socialmente justo que as universidades sejam avaliadas constantemente desde que as avaliações sejam feitas de forma a contemplar os mecanismos próprios. O Ministério da Educação, um órgão responsável por articular as políticas educacionais e de ensino superiores, está no direito de promover iniciativas de avaliação. Isso é normal e esperado. De outra forma é preciso pensar no conceito. O que é esta avaliação e para que serve? O principal elemento que aparece nesse processo é que a universidade passa a se conhecer. É um instrumento potente para o conhecimento do que é e do que faz. É uma forma útil para melhor definir a sua própria identidade institucional. O segundo elemento importante é que a avaliação é um processo, não é algo que se faça em episódios, de tanto em tanto tempo. Deve ser entendido como algo constante, um processo permanente e não eventual. Nesse aspecto, o Provão é frágil. Primeiro porque não leva em conta essa dimensão processual. Ele enfoca a produção final, não leva em conta os fatores, as variáveis que interferem na avaliação do aluno, o processo formativo que é muito mais rico e não se restringe apenas à aula. Joga o instantâneo no final da escala da formação. Não considera a forma como o modelo pretensamente avaliativo foi implementado, não estabelece diálogo com os atores envolvidos, a sociedade. Esse caráter autoritário, impositivo, suscita a rejeição. Entra numa lógica que alimenta o caráter competitivo do ensino superior. Esse meio de avaliação não favorece uma maior comunicabilidade, maior interface entre as instituições. Essa competição leva à implementação, muitas vezes dos cursinhos preparatórios, o que deforma o próprio interesse do Provão. É fraco do ponto de vista pedagógico, é insatisfatório e não se sustenta. E, segundo um estudo, é um sistema de avaliação muito caro. O

Provão fere a questão da autonomia universitária; passou a ser um exame compulsório. E quem não fazia ficava com o diploma retido, mas expedir diploma está no poder da universidade. Isso é chantagem. São essas ações que constantemente violam a autonomia.



A universidade pública está passando por um processo contínuo de privatização interna, observado, por exemplo, no crescimento dos cursos pagos, inscrições em mestrados a preços exorbitantes. Cristovam Buarque defendeu o pagamento de uma taxa por ex-alunos. Com a Reforma da Previdência a universidade recebeu mais um golpe. Cada vez mais é utópico desejar uma universidade pública e de qualidade? Será que esse processo dá para ser revertido?

O setor público de uma forma geral nos últimos dez a 15 anos tem passado por esse processo. Uma das questões-chave é o enxugamento do setor público e junto com isso a idéia de que tudo que é público é ineficaz, de má qualidade e demorado, isso dentro da política neoliberal. E a universidade não está fora disso. É bom destacar que esses processos crônicos e vorazes de privatização do público ocorrem nos países capitalistas periféricos, enquanto que os países centrais do capitalismo, os países hegemônicos não o praticam tanto quanto discursam, principalmente nos setores estratégicos. Tem de se tomar cuidado com o discurso do faça-o-que-eu-digo-mas-não-faça-o-que-eu-faço. Na França não há faculdade particular. Esse processo de privatização é complexo, e há uma dimensão dele que é induzida pelas políticas públicas e outra que é interna, uma espécie de Quinta Coluna [em referência ao episódio em que Franco, quando estava prestes a invadir Madri com quatro colunas militares ouviu a pergunta:

“General, como o senhor vai tomar Madri com as quatro colunas?” Ele respondeu: “São cinco colunas. Tem uma já dentro de Madri”], que significa a disposição interna de privatizá-la, setores que entendem que a universidade é *business*. O problema é entender que a universidade é uma instituição mercantil. A universidade é um espaço de formação de cultura, de formação humana. O processo de privatização se dá não só pela cobrança de mensalidades, mas também pela privatização do espaço da universidade, privatização de pessoal, utilização indevida da marca da universidade. É uma privatização bem mais sutil. Mas é reversível. Precisa, para isso, discutir as mudanças estruturais, qual o papel do Estado na política de educação. É dever do Estado fornecer educação para o povo. Até porque os estados precisam gastar 25% da receita de impostos em educação e a União 18%. Utilizando uma parte no ensino superior, é possível, sim, prover a universidade de forma decente. Não quero dizer que temos de depender única e exclusivamente do Estado. Podemos ter ações que ampliam a capacitação de recursos. A universidade também não pode ficar asfixiada pelos recursos públicos. Aí vira *business*. Existem setores da universidade que não vivem sem isso. Pode-se usar a criatividade, fazer convênios com outros setores para captar recursos, desde que se mantenha a idéia de que a universidade não é uma empresa de prestação de serviços.

O que o senhor acha da política de cotas? Pensa que é a melhor forma de se oferecer oportunidade, e qual será o impacto disso no ensino superior?

Essa questão é difícil porque vivemos num país campeão de exclusão social, exclusão dos negros, que há cinco séculos pratica o preconceito. As escolas públicas vêm atravessando um processo de degradação que provocou efeitos terríveis na família, de modo que os alunos têm pouquíssima chance de ingressar no ensino superior. Essa acumulação histórica da desigualdade força o governo a tomar atitudes. Cotas para negros ou qualquer política de ação afirmativa, enfim, qualquer política que vise compensar esse quadro de exclusão tende a ser inócua para resolver a questão estrutural desse percentual enorme de negros, pobres. O enfrentamento a longo prazo não se faz por esse sistema. Pode ser experimentado, mas precisa assumi-lo como algo provisório e que também sejam adotadas ações que mexam na estrutura profunda da desigualdade. Daí vivermos eternamente sob cotas. Essa estratégia compulsória não enfrenta o problema estrutural. Isso interfere também na autonomia. Como uma lei estadual pode fazer isso? O que me preocupa é que essas políticas virem panacéia. Por quanto tempo mais será preciso que a população necessite de restaurantes a R\$ 1? Isso vem a calhar para os setores populistas. Sem enfrentar a dimensão estrutural, a política de cotas é estéril e se presta às manifestações eleitoreiras, demagógicas e populistas.

Avanço tecnológico, velocidade cada vez mais intensa, hipertextualidade são características do novo século. Como a educação, que tem uma estrutura passiva, vai acompanhar esse processo?

Não sei se concordo que a escola é passiva. A construção do conhecimento, que é multifacetado, pode ter a mediação de várias possibilidades pedagógicas, tecnológicas. Tudo isso pode potencializar o trabalho que a escola pública realiza. Tudo isso também se presta a manifestações demagógicas, é claro. Muitas vezes chegam computadores em escolas que nem têm água encanada. Vamos empurrar computadores por causa dos compromissos do governo com um determinado setor? Mas, sem dúvida, esse aparato tecnológico é positivo quando se agrega ao setor educativo. Não vejo tais práticas como substitutivas das práticas tecnológicas tradicionais

Mas como os professores, a escola, vão acompanhar o processo?

Tem de se investir no processo de formação do professor, um processo continuado, para que ele possa dialogar, discutir e acompanhar as inovações. Os professores não são tarefeiros pedagógicos, são sujeitos que devem participar dessas mudanças.

Os professores da rede pública já lutam por melhores condições há pelo menos uns 50 anos. Em vez de melhorias, o cenário continua o mesmo: salários baixos, falta de concursos, turmas superlotadas, péssimas condições de trabalho agravadas inclusive pela ameaça do tráfico. Os professores da rede estadual querem que o piso salarial se eleve de R\$ 431 para R\$ 1,6 mil. Qual seria a luta mais certa a se fazer num momento de tamanha crise na educação?

Diria que não existe possibilidade de êxito se não for de forma organizada e coletiva. Não se conhece mudança que não passe por ações coletivas. Isso tem a ver com o nível de compromisso que as elites têm com o magistério. Principalmente num país que esteve submetido ao domínio de elites conservadoras e atrasadas. A eleição do Lula representou a primeira possibilidade concreta de alteração dessas forças. Os professores precisam fazer mais aliados sem ser a comunidade acadêmica. O direito de greve é sagrado, mas não sei se as greves fazem com que os professores adotem parcerias com outros setores da sociedade. A escola é a principal instituição da República. Sem ela não se realiza, não se concretiza o ideal republicano. É difícil falar isso num país quando falta comida, trabalho, mas quando falta escola, deve doer tanto! Os movimentos devem ser mais contagiantes, mais alegres, devem conseguir uma adesão maior. É preciso ter a escola pública no coração.

Algumas universidades desenvolvem projetos sociais com a comunidade, muitos envolvendo alunos em ações voluntárias. A universidade estaria entrando na onda da responsabilidade social? O senhor acha que é papel das universidades resolver problemas que existem há tanto tempo e que nenhum governo conseguiu solucionar, como a fome e o analfabetismo? E como, se os próprios recursos básicos dessas instituições mantêm-se no mesmo patamar?

A universidade tem várias formas de se relacionar com a sociedade. Ao mesmo tempo que faz parte da sociedade, precisa ter a sua identidade, se destacar, manter a sua especificidade. Por meio das pesquisas, se relaciona de forma mais direta com a sociedade e, pela extensão, entra nela mais diretamente. A universidade põe a mão na massa e ao mesmo tempo

se purifica, precisa perder essa idéia iluminista de levar luz como se somente ela produzisse conhecimento. Todos os setores da sociedade produzem saberes que a universidade também aprende e formula novas problemáticas de pesquisa. É uma relação de mútua aprendizagem, o que ajuda a desencastelar a instituição. Por exemplo, muitas vezes ela fala da saúde, mas sem viver o cotidiano. Não vivencia a realidade de forma profunda. Porém há cuidados que precisam ser tomados. A instituição não é apenas assistencial. Tem de ter cuidado com a dimensão que isso toma e o perigo de ela confundir sua natureza e identidade. Não cabe à universidade responder por esses problemas históricos como também não pode ficar alheia a estes. Não é responsabilidade nossa enfrentar esse problema. Como o aluno chega à faculdade sem saber escrever um texto? É nossa responsabilidade ensiná-lo? Mas vamos deixá-lo assim? A universidade tem de agir em duas linhas: intervir no que for possível sem cair no assistencialismo barato. A universidade precisa se articular para pressionar o setor público por mudanças. Não deve ser “voluntarista”, mas ao mesmo tempo é difícil fazer vista grossa a problemas que batem à nossa porta. A UFRJ convive com o Complexo da Maré. Aqui na UFF, na entrada do Campus do Gragoatá, presenciamos todo dia cenas de degradação do ser humano. Como intervir de uma maneira sem se assumir como responsável? Ela tem o compromisso social, ainda mais quando temos indicadores vergonhosos se compararmos ao volume econômico do país. A universidade tem de fazer parte, mas ela não é governo. ■

GRIFE UFF – A MARCA DA UNIVERSIDADE

Mabel Antunes



Ela é a cara do público jovem: colorida, moderna, com traços leves e bom humor. Em muitos produtos da grife está estampada uma seqüência de expressões carinhas que finalizam em um sorriso. A publicitária do Núcleo de Comunicação Social (Nucs), Maria Beatriz Mendes Oliveira, é a idealizadora do projeto. Ela afirma que a intenção de criar a grife surgiu há cinco anos para promover a identidade visual da UFF. “Na época, todos se

apaixonaram, pensamos em quase tudo, mas por falta de verba o sonho foi para a gaveta”, diz.

Depois de alguns anos, o projeto foi retomado. Para isso, no início, foi fundamental o apoio da Fundação Euclides da Cunha. O primeiro passo foi a criação da logomarca e design gráfico dos produtos. O conceito desenvolvido pelo estagiário Daniel de Resende Saturnino Braga, aluno do último período de Publicidade e Propaganda, passou pela tela dos computadores e está impresso na linha de artigos institucionais da grife. “Procurei fazer algo para agradar a todos os alunos, e a satisfação é muito grande em realizar um trabalho que será visto por toda a comunidade acadêmica”, afirma ele. Esse processo levou seis meses e hoje o fruto do trabalho pode ser encontrado na Loja Cultural do Centro de Artes UFF: são camisetas, canetas, chaveiros, bonés, entre outros itens, tudo com ar despojado para agradar especialmente aos universitários.

Mas isso é só o começo, o ponto de partida. O objetivo é expandir os horizontes e colocar os produtos à venda em quiosques em todos os *campi*. O Nucs está buscando parcerias. Por enquanto, toda a arrecadação tem sido investida na reposição do material, mas no futuro será destinada a projetos acadêmicos. O Núcleo também pretende estabelecer associações com cooperativas de confecções e de artesãos que integram a rede de comércio solidário (um projeto



Rossana Fraga

Da esquerda para a direita os bolsistas do Nucs Daniel Saturnino, Ricardo Assunção, Renata Montechiare, Carolina Figueira e Daniel Braga

criado pelo Viva Rio que envolve a capacitação de cooperativas de confecção de produtos que geram renda para as comunidades carentes).

A grife foi lançada no dia 12 de setembro, no Centro de Artes. O evento coincidiu com a abertura da “Mostra 35” em comemoração aos 35 anos do Cine Arte UFF. Para conhecer os produtos basta ir à Loja Cultural, que fica na Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí (na entrada do Teatro da UFF). Em breve, os produtos também poderão ser vistos em um site que está em fase de construção.



Mabel Antunes

Mariana Mello, bolsista de Jornalismo do Nucs, apresenta os produtos da Grife

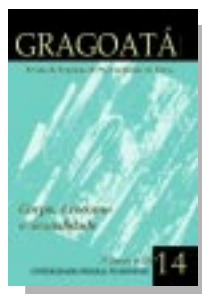


Sociologia do trabalho (clássica e contemporânea)

Autor: Pedro Castro
242p. - R\$ 30

Analisando o tema de forma simples, sistematizada e acessível, esse livro permite a todo e qualquer leitor o conhecimento de uma área de estudos que permanece voltada para o centro da vida social - o trabalho, as relações de trabalho e os trabalhadores. É um painel sistematizador das correntes históricas e teóricas da sociologia do trabalho, no plano internacional, tecendo comparações entre as características teóricas dos principais pólos formuladores nessa área.

Trata-se da sociologia voltada para o trabalho que ao longo dos anos acumulou uma vasta massa de reflexões e percursos possíveis.



Gragoatá n. 14

Revista Contemporânea do
Programa Pós-Graduação em
Letras

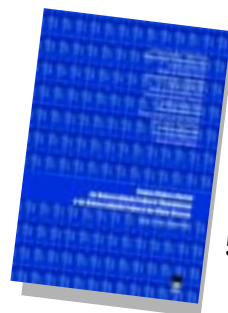
**Corpo, Erotismo e
Sexualidade**

232p. - R\$ 20

Nos ensaios dessa revista o exercício do pensamento aparece ligado a uma postura de fidelidade à multiforme experiência humana de que as obras e autores analisados dão testemunho.

Temos, assim, estudos com autores já consagrados pela tradição - como Gil Vicente, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Adolfo Caminha ou André Gide - e outros, de autores mais recentes, cujas obras vêm despertando grande interesse dos leitores e da crítica - como Adélia Prado, Silviano Santiago, João Gilberto Noll, Caio Fernando Abreu ou Herbert Daniel.

São estudos voltados para a linguagem do cinema, da mídia e a poesia material e um ensaio dedicado a um espaço urbano num momento histórico específico, o de Berlim durante a República de Weimar.



Censo étnico-racial da UFF e da UFMT

Coordenadoras: Moema
De Poli Teixeira e Maria
Lúcia Muller

56p. - R\$ 10

O objetivo do Censo foi fazer um mapeamento dos estudantes no que se refere à sua identidade étnico-racial, trajetória escolar, rendimento e origem familiar e verificar o grau de aceitação entre eles de uma política de cotas para negros na universidade.

A pesquisa foi feita pelo Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira da UFF e pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação da UFMT, e realizado em parceria com o Data-UFF.

Nesse *primeiro censo* foi elaborado um questionário com quatro páginas, aplicado nas duas universidades durante os dias de inscrição em disciplinas, período de alcance a todos os estudantes de graduação - cerca de 10 mil na UFF e 6 mil na UFMT.



Antropolítica n. 14

Revista Contemporânea de
Antropologia e Ciência Política

157p. - R\$ 13

A revista de n.º.14 inicia uma segunda fase com nova apresentação gráfica e uma organização distinta.

Destaca-se em cada número a ser publicado uma temática relacionada às linhas de pesquisa compondo um dossiê organizado por um pesquisador do colegiado do PPGACP e expondo perspectivas de especialistas - brasileiros e estrangeiros - na temática. As notícias do PPGAGP, além de relacionar as dissertações, pretende apresentar as principais propostas e atividades dos grupos e núcleos de pesquisa.

Portanto, reúnem-se aos artigos já costumeiros essas duas seções novas: o dossiê e as notícias.



Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública

Instituto de Segurança
Pública

228p. - R\$ 30

Políticas públicas de segurança pública e justiça criminal estão aqui envolvidas do ponto de vista da sociologia, da ciência política e da antropologia.

O tema abordado nesse livro é a formação de soldados da PMERJ feita de forma unilateral pela PM e que tem importância fundamental para as atividades de preservação da ordem pública, a qual deveria ser um assunto de total conhecimento de seus profissionais.

Neste livro verificamos como é executado o Curso de Formação de Soldados (CFSd) e da Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMERJ), comparando-o com a polícia de segurança pública do governo do estado na gestão do Governador Anthony Garotinho (1999-2002).



Em Tempo de Conciliação

Autora: Angela Moreira Leite
144p. - R\$ 25

Tempos de conciliação constitui-se em uma etnografia pioneira dos Juizados Especiais Cíveis no Rio de Janeiro. Inicialmente criados no Brasil com o nome de Juizados de Pequenas Causas, os Juizados Especiais Cíveis têm sido implantados nos estados brasileiros tornando-se a mais importante política pública dirigida à área de administração institucional de conflitos, no Brasil contemporâneo.

A política pública, se bem implementada e dirigida para obter resultados consentâneos com interesses da coletividade, pode representar uma inflexão importantíssima em nosso sistema judiciário, nos afirma o professor Roberto Kant, orientador da autora.

Inicialmente projeto de pesquisa premiado pela OAB/RJ, posteriormente desenvolvido como dissertação de mestrado, torna-se um livro de relevante contribuição ao tema da administração institucional de conflitos em nosso país.

...vista essa marca!!!

bolsas chaveiros bonés
camisetas canetas canecas

Grife uff



Loja na entrada do Teatro da UFF, Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí, Niterói, RJ
* A renda obtida será revertida para projetos da UFF.